

O cânone traduzido

Fernanda Machado Brener¹ (UEL)

Resumo:

*No postfácio do romance *Brazil* (1994), John Updike lista uma série de autores brasileiros em cujas obras afirma ter buscado inspiração. Tal lista remete a relação existente entre o conjunto de obras traduzido para a língua inglesa e sua representação da identidade nacional brasileira. O objetivo desse trabalho foi investigar qual identidade nacional resultaria possivelmente dessas leituras. Uma pesquisa no catálogo online da Biblioteca do Congresso norte-americano averigou quais títulos haviam sido traduzidos. Considerando a heterogeneidade dos autores e de suas representações de Brasil, somente duas grandes fontes de influências foram destacadas: a das teorias científicas de superioridade racial e a das teorias freyrianas de miscigenação cultural. Ideologicamente opostas as duas teorias tendem a reforçar visões estereotipadas de Brasil, a do paraíso selvagem pertencente somente aos mais fortes e a do paraíso mestiço e democrático.*

Palavras-chave: John Updike, cânone, identidade nacional

Introdução

No romance *Brazil* (1994) John Updike reconta o drama medieval de Tristão e Isolda adaptado aos trópicos. Envolvidos romanticamente os personagens principais, ele um rapaz negro e pobre das favelas do Rio de Janeiro e ela uma garota branca, rica e bem educada da zona sul carioca, iniciam uma viagem de ida e volta ao interior do país em busca de refúgio. Neste movimento os protagonistas perfazem uma fuga tanto no tempo quanto no espaço e a obra acaba por elaborar um retrato do país.

No posfácio do romance *Brazil* (p.293) Updike arrola autores, brasileiros e estrangeiros, que escreveram sobre o Brasil e cujos trabalhos lhe serviram de inspiração e guia. Dentre os brasileiros, afirma ter sido influenciado principalmente pela leitura de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Já de *Casa Grande e Senzala*, obteve “informações úteis”, e tomou a “coragem e a cor local” da ficção de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Ana Miranda, Jorge Amado e Nélida Piñon. Este agrupamento de nomes, cujo critério de escolha não é explicitado, remete a relação existente entre o cânone traduzido para a língua inglesa e a representação que este conjunto de obras faz da identidade nacional brasileira. Percorrendo agora o caminho inverso, procuraremos neste trabalho tentar identificar não qual é a identidade brasileira construída pela obra de Updike, mas aquela que possivelmente resultaria das leituras que o autor fez de obras da ficção brasileira.

1 Literatura e Identidade Nacional

Renato Ortiz (1986, p.7) afirma que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença.” Assim sendo, a definição de uma identidade se dá primeiramente no contato com “o outro”, ao olhar “o outro” percebe-se o que não se é. A identidade é construída através dos tempos em uma relação de alteridade, em oposição ao “outro”. A definição de Lévi-Strauss (1977 apud BERND 1992, p.14), anterior a de Ortiz, concebe identidade como sendo uma

entidade abstrata, privada de qualquer alusão ao mundo concreto, mas que se configura indispensável como ponto de referência. Do mesmo modo é construída a identidade nacional, sempre em oposição ao estrangeiro, e simultaneamente apresentando características próprias de cada grupo que a constitui como as peças distintas de um mosaico (BERND, 1992).

A definição de identidade nacional está vinculada à definição do caráter predominante de um povo que, segundo Anderson (1989) substitui as antigas formas de organização grupal pela de nação. Nação é “uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana.” (ANDERSON, p.14). Ela é imaginada, porque seus membros jamais, em tempo algum, chegarão a se conhecer pessoalmente e estabelecer relacionamentos concretos, porém compartilham do mesmo sentimento de comunhão e de que estão intimamente interligados por laços mentais que extrapolam os de parentesco. A nação é imaginada como limitada, porque suas fronteiras são finitas e além delas, estabelecem-se outras nações. E é imaginada como soberana por ser livre para tomar suas próprias decisões por vontade e determinação divina. Mais importante, uma nação é imaginada como uma comunidade, apesar das explorações e desigualdades, cujos membros compartilham de um profundo senso de companheirismo onde todos tem os mesmos direitos e obrigações. O conceito de nação é, portanto, mais um artefato cultural, cujos significados atuais são resultados da história e que ainda podem sofrer alterações através do tempo.

Vista como um mega-organismo, a nação une indivíduos diferentes sobre a mesma bandeira, apagando suas características particulares e atribuindo-lhes um sentido único e coletivo. Sob o mesmo rótulo estão colocados grupos muito heterogêneos, portadores de características culturais díspares que, contudo são capazes de estabelecer pontos de interseção. A identidade nacional é constituída por aquelas experiências partilhadas que impõem sentido ao grupo apesar de suas diferenças internas.

Os sentimentos de comunhão são reafirmados pelas histórias que compõe a narrativa nacional. Nas palavras de Hall (1997, p.51), “esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.” Uma história, oral ou escrita, remete a outra e todas estão conectadas a uma pretensa tradição comum, que é renovada e atualizada no tempo, projetando-se para o futuro. Deste modo a identidade nacional está sempre em processo de evolução e releitura, ganhando assim fôlego para evitar seu perecimento.

Se a definição da identidade nacional está intimamente relacionada com o ato de narrar conclui Bernd (1992, p. 17), “a construção da identidade é indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura.” A literatura opera como um veículo capaz de representar, de concretizar e de salvaguardar aquelas experiências que dão sentido à nação.

O cânone literário, ou seja, o conjunto ou lista de obras valorizadas por uma nação, exprime os valores consensuais de um grupo (CORRÊA, 1995, p. 324), aqueles que interessam ser mantidos ou porque servem a determinados grupos ou porque são historicamente relevantes. A partir desta perspectiva, a literatura nacional pode ser definida como “um cânone formado seletivamente com base em elementos particulares de uma nação” (CORRÊA, 1995, p. 326). No caso brasileiro, a fixação do cânone nacional primou pela tentativa de diferenciar a produção literária brasileira daquela oriunda da metrópole (BARBOSA, 2001, p.19) ou da tradição européia. Segundo Corrêa (2001, p.34) este caráter distintivo da literatura brasileira vem à tona em diferentes momentos da história literária perpassando estilos e épocas diversos e valorizando as peculiaridades da nação.

O professor Afrânio Coutinho (1968, p.22) afirma que há uma tendência entre os estudiosos da história literária nacional, à qual se filia, em considerar a literatura produzida no Brasil desde os primórdios do descobrimento como deflagradora do rompimento com a Europa na medida que retrata o alumbramento dos colonizadores face ao ineditismo da nova terra. O sentimento

nacionalista na literatura já está presente nos textos inaugurais e, segundo Corrêa (2001, p.25) em grande parte, o cânone literário brasileiro demonstra este atributo.

As obras canônicas escolhidas por Updike como embasamento para seu trabalho trazem por ventura este traço nacionalizante que salienta a diferença e constitui as lentes pelas quais somos vistos pelos “outros”.

2 O Cânone traduzido

Em pesquisa feita no catálogo on line da Biblioteca do Congresso norte-americano durante os dias 12, 13, 28 e 29 de junho de 2006, obtivemos a seguinte relação das traduções dos autores escolhidos por Updike organizada na Tabela 1.

Tabela 1: Relação de obras e autores traduzidos

AUTOR	OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
Ana Miranda	Boca do Inferno	1991
Clarice Lispector	A Maçã no Escuro	1967; 1986
	Laços de Família	1972
	Aprendizagem ou O livro dos prazeres	1986
	Soulstorm (seleção de contos)	1986
	A Hora da Estrela	1986; 1992
	Legião Estrangeira	1986; 1992
	A Paixão segundo GH	1988
	Água Viva	1989
	Descoberta do Mundo	1992; 1996
	Cidade Sitiada	1995
Euclides da Cunha	Os Sertões	1944; 1947; 1995
	A Margem da História	2006
Graciliano Ramos	Angústia	1946, 1972
	Vidas Secas	1965
	São Bernardo	1975, 1979
	Infância	1979

Fonte: Preparado pelo autor

Tabela 1: Relação de obras e autores traduzidos (continuação)

AUTOR	OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
Jorge Amado	Terras do Sem Fim	1945, 1965
	Gabriela Cravo e Canela	1962
	Os Velhos Marinheiros	1964
	A Morte e a Morte de Quincas	
	Berro D'Água	1965
	Pastores da Noite	1967;
	Dona Flor e seus Dois Maridos	1969, 1986
	Tenda dos Milagres	1971, 2003
	Teresa Batista Cansada de Guerra	1975
	Tieta	1979, 2003
	Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	1982;
	Milagre dos Pássaros	1983
	Jubiabá	1984
	Mar Morto	1984
	Farda, Fardão, Camisola de Dormir	1985
	Capitães de Areia	1988
	Tocaia Grande	1988
	Seara Vermelha	1992
	O Sumiço da Santa	1993, 2005
Machado de Assis	Contos Brasileiros	1921
	Dom Casmurro	1953, 1991,
	Quincas Borba	1994,1997
	Memórias Póstumas de Brás Cubas	1954, 1992, 1998
	O Alienista e outras histórias	1955 e 1997
	Esaú e Jacó	1963
	A Mão e a Luva	1965, 2000
	Memorial de Ayres	1970
	Tu Só, Tu, Puro Amor...	1972, 2005
	Iaiá Garcia	1972
		1976, 1977

Fonte: Preparado pelo autor

Tabela 1: Relação de obras e autores traduzidos (continuação)

AUTOR	OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
Machado de Assis	A Igreja do Diabo e outras histórias	1977
	Helena	1984
Nélida	República dos Sonhos	1989
Piñon	A doce Canção de Caetana	1992
Rubem	A Grande Arte	1986
Fonseca	Buffo e Spallanzani	1990

Fonte: Preparado pelo autor

Neste rol, dois autores despontam com o maior número de obras traduzidas para a língua inglesa: Jorge Amado e Machado de Assis, com 19 e 12 títulos respectivamente. Um dado curioso chama atenção quanto aos períodos em que as obras foram editadas no exterior. Apesar de Jorge Amado ser o autor com maior número de títulos publicados observa-se uma concentração de lançamentos na década de 80 (oito títulos) contrastando com a parca publicação da década seguinte (dois títulos somente). Já nas publicações de Machado de Assis nota-se exatamente o contrário: somente um título foi publicado nos anos 80 contra seis nos anos 90. Contudo, apesar da escassez de publicações naquela década, as obras de Machado de Assis são as que demonstram uma maior regularidade de edições ao longo de quase 60 anos.

A análise desses dados com certeza abre campo para investigações futuras. Descobrir as origens dessa alternância pode abranger pesquisas que envolvem desde a estética do gosto e sua relação com o mercado editorial até, quem sabe, a própria concomitância do lançamento do “Cânone Ocidental” de Harold Bloom em 1994 e a conseqüente elevação do status de Machado de Assis a grande autor universal.

Podemos supor que há uma relação entre a imagem de Brasil que se queria veicular em determinada época e a publicação ou não de um autor específico. Por exemplo, os anos 80 parecem ter sido especialmente bons para a literatura de Jorge Amado e Clarice Lispector no exterior. Os dois tiveram quase o mesmo número de títulos lançados com a ressalva de que as obras de Clarice Lispector continuaram tais quais as de Machado de Assis, a ser publicadas na década posterior. Igualmente interessante é o patente desaparecimento de traduções de Graciliano Ramos após a década de 70, sua última edição data de 1979.

Surpreendentemente, a mais recente tradução da lista é de um dos autores mais antigos da nossa literatura, Euclides da Cunha, que teve um título inédito no exterior publicado em 2006. Feito não superado nem pelos autores contemporâneos da listagem, cujas edições mais recentes limitam-se ao início dos anos 90. Sem mencionar o reavivado interesse por “Os Sertões” que teve uma nova tradução em 1995, quase 50 anos após a última publicação.

Tendo esses dados em mente podemos separar dois grupos de autores com distintos papéis na representação da identidade nacional brasileira. O grupo influenciado pelas teorias científicas de superioridade racial, representado por Euclides da Cunha, e o grupo que pende para as teorias freyrianas de miscigenação cultural, representado por Jorge Amado. O primeiro englobaria os representantes do pensamento intelectual do século XIX, Machado e Euclides. Apesar das peculiaridades de cada escritor partiremos do princípio de que cada um representou diferentes

facetas da nacionalidade brasileira sob a mesma estética do realismo literário. Ambos pertencem a uma geração de escritores fortemente influenciada pelas teorias científicas do positivismo, do materialismo e evolucionismo (COUTINHO, 1968, p. 123). Enquanto Euclides da Cunha preocupa-se em revelar o embate entre o sertão e o sertanejo, Machado volta-se inteiramente para os aspectos psicológicos da sociedade carioca desvendando suas mesquinharias e transgressões bem como seus transtornos e costumes. (CORRÊA, 2001, p.33)

A literatura científica do século XIX atestava que o meio determinava a raça, e que a unidade racial era condição imprescindível para formação e manutenção da nação. Se o Brasil era uma nação sem uma raça única seria possível estabelecer a unidade nacional? Bosi descreve *Os Sertões* como obra “de um escritor comprometido com a natureza, com o homem e com a sociedade” (1989, p. 348) que acima de tudo almejava compreender a terra e o homem brasileiro através da ciência. O livro, lançado em novembro de 1902, sinaliza o início de uma análise menos ufanista e mais científica da sociedade brasileira na época. Sua obra é inédita na medida em que leva ao conhecimento da sociedade urbana do século XIX um Brasil até então desconhecido bem como uma nova maneira de compreendê-lo (LEITE, 1992, p.204). Euclides também inova ao exibir dois lados contrastantes de um país, as grandes cidades desenvolvidas e industrializadas e um interior misterioso e rústico. Contrastes esses percebidos até nossos dias nos próprios perímetros da cidade (VENTURA, 2001, p.3).

Influenciado pela teoria evolucionista de Darwin e pela tese que instituiu que o homem era resultado do meio, Euclides da Cunha se esforça em delinear o tipo brasileiro. Para tanto desenvolve em *Os Sertões* uma teoria que visa identificar a raça autêntica cuja existência corroboraria a da nação brasileira. As teorias raciais da época catalogavam o mestiço como um ser fraco e instável e a miscigenação racial como causa de deterioração da sociedade. Euclides da Cunha encontrou no isolamento do sertanejo/vaqueiro as condições propícias para o desenvolvimento de uma raça genuinamente brasileira. (LEITE, 1992, p.209).

Dante Moreira Leite (1992, p.214) desenvolve um quadro resumo no qual relaciona as características psicológicas dos vários tipos brasileiros delineados por Euclides da Cunha:

Paulista (tipo autônomo)

1. aventureiro
2. rebelde
3. libérrimo

Vaqueiro (raça forte e antiga)

1. bravo e destemeroso
2. resignado e tenaz
3. fixação ao solo
4. impulsividade e aventura (modificados pelo meio)
5. apego às tradições

Colono

1. aventureiro

Indígena

1. inapto ao trabalho
2. rebelde
3. impulsividade
6. sentimento religioso levado ao fanatismo
7. honra
8. audacioso
9. Forte

A obra prima de Euclides da Cunha valoriza a imagem do sertanejo e sua luta contra o deserto como parte fundamental da identidade brasileira. A nacionalidade brasileira se define na metáfora da terra, “um sítio além do espaço cartográfico e do tempo calculado pela civilização, uns lugares fantásticos, maravilhosos e indefiníveis, num ponto intersticial circunscrito entre o bem e o mal (...), em que reina absoluto o mito do heróico sertanejo.” (AMARAL, 2004, p.173)

Opondo-se ao determinismo racial, Jorge Amado, decorridos quase trinta anos da publicação de *Os Sertões*, materializa em suas obras o conceito freyriano de brasilidade. A crença nessa definição do caráter nacional era defendida pública e fervorosamente pelo autor, como se nota neste trecho de discurso pronunciado na Universidade de Bari em 1972

A nação brasileira vem se construindo e se afirmando (...) como o resultado da mistura, persistente e sempre maior de sangues e de raças, da mistura de culturas (...) Dessa nossa originalidade racial e cultural (...) nasce a criação brasileira: a música, a dança, a literatura, a arte, o cinema, o carnaval, o ritmo.(AMADO, J., 1972, *apud* Goldstein, 2001, p.12)

A colocação da miscigenação como característica positiva da nação brasileira encontra respaldo no pensamento de Gilberto Freyre. Em seus escritos, o autor abandona o evolucionismo e tenta focalizar o encontro de culturas. Uma das primeiras afirmações de Freyre que causaram furor no lançamento de *Casa Grande e Senzala* é justamente a inexistência de uma hierarquia racial. A partir desse pressuposto o autor visa descrever o processo de colonização e de formação do povo brasileiro através da contribuição de três grupos: o português, o índio e o negro.

Segundo Moreira Leite (1992, p. 279), uma das teses de Freyre que tem se sustentado através dos anos é a da nossa bem sucedida adaptação cultural aos trópicos. A essa tese soma-se a idéia de uma igualdade social só conseguida aqui. Não obstante, a obra de Freyre também traz uma divisão do Brasil em dois grupos antagônicos que se embatem numa relação de poder entre dominador e dominados, senhor e escravo, notadamente diversa da dicotomia selvagem e civilizado apresentada por Euclides.

Aproveitando novamente o quadro resumo de Dante Moreira Leite sobre as características psicológicas dos brasileiros (1992, p. 285) levantadas por Gilberto Freyre obtemos o seguinte perfil:

1. sadismo no grupo dominante
2. masoquismo nos grupos dominados
3. animismo
4. crença no sobrenatural
5. gosto por piadas picantes
6. erotismo
7. gosto da ostentação
8. personalismo
9. culto sentimental ou místico do pai
10. “maternismo”
11. simpatia do mulato
12. individualismo e interesse intelectual permitidos pela vida na “plantação”
13. complexo de refinamento.

Conclusão

Muitas destas características são representadas pelos personagens de Jorge Amado. O Brasil amadiano é sensual, alegre e principalmente mestiço. Personificado em Gabriela correu mundo, ganhou fama e por muito tempo foi essa a imagem que nos traduziu.

O recuo no número de obras de Jorge Amado publicadas nas últimas décadas pode revelar que a identidade nacional brasileira está passando por transformações. Quais representações queremos e quais evitamos são construções indelevelmente marcadas pelas escolhas que fazemos dos porta-vozes. O Brasil alegre e sensual de Jorge Amado está cedendo lugar para o Brasil árido e misterioso de Euclides da Cunha.

Enquanto as duas representações de Brasil figurarem no mercado editorial americano refletindo dois brasis antagônicos, teremos uma mistura improvável de sensualidade e aridez, de luta e malandragem, de mestiços bem adaptados e sertanejos resignados. Estas diferenças tão marcantes certamente traduzem a multiplicidade da cultura brasileira e as várias formas de representá-la.

Referências Bibliográficas

- [1] AMADO, Jorge. Trecho do manuscrito 500, pasta 17, da Fundação Casa de Jorge Amado. In GOLDSTEIN, Ilana S. **Jorge Amado, o luto e o legado**. D.O. Leitura. nº. 19. São Paulo: setembro de 2001
- [2] AMARAL, Ricardo Ferreira. **A reinvenção da pátria. A identidade nacional em Os Sertões e Macunaíma**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004
- [3] ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- [4] BARBOSA, João Alexandre. **O cânone na história da literatura brasileira**. Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre: v.15, p.19-32, 2001.
- [5] BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/ UFRGS, 1992.
- [6] BIBLIOTECA DO CONGRESSO: Library of Congress on line catalog
<http://www.loc.gov/index.html>
- [7] CORREA, Almir Aquino. **Historiografia, cânone e autoridade**. Anais do VIII Seminário do CELLIP. Umuarama, p.323-328, 1995
- [8] _____. **Coisas e retratos do Brasil**. Letras de Hoje. Porto Alegre. v.37, nº2, p.25-35, junho, 2001.
- [9] COUTINHO, Afrânio. **A tradição afortunada** (O Espírito de Nacionalidade na Crítica Brasileira). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1968.
- [10] HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- [11] LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional Brasileiro. História de uma ideologia**. 5ª edição. São Paulo: Ática, 1992.
- [12] ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nNacional**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- [13] VENTURA, Roberto. **3 questões sobre Os Sertões**. Editorial Mais! Folha de São Paulo, 28 de janeiro de 2001.

Autor

¹ **Fernanda BRENER, mestranda**
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG)